

## A dialética interrompida: uma análise da biografia como categoria central na psicopatologia de Karl Jaspers

### The interrupted dialectic: an analysis of biography as a central category in Karl Jaspers' psychopathology

Guilherme Messas

#### Resumo

O movimento internacional de busca pela renovação do paradigma em saúde mental tem na obra psicopatológica do psiquiatra-filósofo alemão Karl Jaspers uma grande inspiração. Da vastidão desta obra, destaca-se uma noção central para uma nova compreensão de psicopatologia: o estudo longitudinal da personalidade adulta, identificada por Jaspers como biografia. Procurei mostrar como Jaspers organizou o seu conceito de biografia a partir de um diálogo com a obra de Emil Kraepelin. Investigo os pontos de afastamento e aproximação entre ambos os autores, no que se refere aos modos de se captar a progressão da personalidade ao longo do tempo. Destaco a relação dialética que Jaspers teve com a herança kraepeliniana, conservando desta alguns elementos intelectuais, mas sobretudo procurando superá-la, a partir de uma visão existencialista. Concluo identificando aquilo que denomino dialética interrompida de Jaspers. Esta constitui um movimento paradoxal de Jaspers na construção do seu conceito de biografia, cujas consequências examino brevemente.

**Palavras-chave:** Karl Jaspers; Psicopatologia Fenomenológica; Biografia; Desenvolvimento adulto; Processo.

Publicado pela Sociedade Brasileira Psicopatologia Fenômeno-Estrutural (SBPFE)

Este é um artigo publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença CC BY nc 4.0.

#### ARTIGO



Psicopatol. Fenomenol. Contemp.  
2025; vol14 (2): 239-260

Published Online

12 de dezembro de 2025

<https://doi.org/10.37067/rpfc.v14i2.1230>

Guilherme Messas

Psiquiatra formado pela Faculdade de Medicina da USP, com mestrado e doutorado na mesma instituição. Professor Livre-Docente pela Faculdade de Ciências Médicas da Santa Casa de São Paulo (FCMSCSP) e membro da equipe diretora do Values Based Centre, St Catherine's College, da Universidade de Oxford, do qual é líder para o Brasil. É autor de diversos livros e artigos científicos, dentre os quais "The existential structure of substance misuse: a psychopathological study" Springer, 2021 e "Three dialectics of disorder: refocusing phenomenology for the 21st century" (Messas & Fulford, 2021), The Lancet Psychiatry.

Contato:

[guilherme.messas@fcmcaspcsp.edu.br](mailto:guilherme.messas@fcmcaspcsp.edu.br)

## A dialética interrompida: uma análise da biografia como categoria central na psicopatologia de Karl Jaspers

## The interrupted dialectic: an analysis of biography as a central category in Karl Jaspers' psychopathology

Guilherme Messas

### Abstract

The international movement to renew the mental health paradigm is greatly inspired by the psychopathological work of German psychiatrist-philosopher Karl Jaspers. From the vastness of this work, a central notion for a new understanding of psychopathology stands out: the longitudinal study of the adult personality, identified by Jaspers as biography. I tried to show how Jaspers organised his concept of biography based on a dialogue with the work of Emil Kraepelin. I investigate the points at which the two authors move apart and come closer together, in terms of the ways of capturing the progression of the personality over time. I emphasise the dialectical relationship that Jaspers had with Kraepelin's heritage, retaining some of its intellectual elements, but above all seeking to overcome it from an existentialist point of view. I conclude by identifying what I call Jaspers' interrupted dialectic. This is a paradoxical move by Jaspers in the construction of his concept of biography, the consequences of which I briefly examine.

**Keywords:** Karl Jaspers; Phenomenological Psychopathology; Biography; Adult development; Process.

Publicado pela Sociedade Brasileira Psicopatologia Fenômeno-Estrutural (SBPFE)

Este é um artigo publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença CC BY nc 4.0.

## ARTIGO



Psicopatol. Fenomenol. Contemp.  
2025; vol14 (2): 239-260

Published Online

12 de dezembro de 2025

<https://doi.org/10.37067/rpfc.v14i2.1230>

Guilherme Messas

Psiquiatra formado pela Faculdade de Medicina da USP, com mestrado e doutorado na mesma instituição. Professor Livre-Docente pela Faculdade de Ciências Médicas da Santa Casa de São Paulo (FCMSCSP) e membro da equipe diretora do Values Based Centre, St Catherine's College, da Universidade de Oxford, do qual é líder para o Brasil. É autor de diversos livros e artigos científicos, dentre os quais "The existential structure of substance misuse: a psychopathological study" Springer, 2021 e "Three dialectics of disorder: refocusing phenomenology for the 21st century" (Messas & Fulford, 2021), The Lancet Psychiatry.

Contato:

[guilherme.messas@fcmcaspcas.edu.br](mailto:guilherme.messas@fcmcaspcas.edu.br)

## Introdução

Ao sucesso da psiquiatria em se legitimar como instituição participante de pleno direito no *corpus* técnico da saúde correspondeu o sucesso da sua capacidade de apreensão longitudinal das alterações mentais. Historicamente, foi com a unificação, comandada pelo psiquiatra alemão Emil Kraepelin, em fins do século XIX, das diversas entidades nosológicas então reinantes que, de certo modo, funda-se a psiquiatria contemporânea. Kraepelin as unificou em duas grandes entidades nosológicas, a *dementia praecox* e a psicose maníaco-depressiva, instituindo as bases observacionais para toda a psiquiatria contemporânea. Dessas duas categorias definidoras da contemporaneidade, interessa-nos aqui a primeira delas, que prepara a criação da noção de esquizofrenia, com Eugen Bleuler, em 1911. Menos do que uma unificação baseada na descoberta de novos conhecimentos objetivos, que teriam lançado na obsolescência as múltiplas categorias da tradição franco-alemã, o fato fundador dessa nova prática social é uma inovação na forma de pensar. Inovação que, de certo modo, permitiu a gradual independência – ainda não concluída – da psiquiatria em relação à neurologia, da qual era entendida como subordinada, à época (Nota: Seguramente, ainda em tempos atuais a psiquiatria, embora gozando de grande respeito na sociedade, frequentemente legitima seu estatuto científico pela subordinação à neurologia. É assim, por exemplo, que permite que a adesão ao modelo epistemológico das neurociências venha sendo – ainda – hegemônico na sociedade, a despeito de seu evidente fracasso). Procurando superar a infinita indeterminação nosológica vigente em seu cenário cultural, o psiquiatra de Munique inovou ao definir suas entidades não preferencialmente pelo quadro clínico, mas pela evolução deste ao longo do tempo. Dado o baixo valor ontológico das entidades de então, sobretudo no que concernia à sua capacidade de revelação das alterações cerebrais das quais seriam índice (situação semelhante à atual), outra lógica reitora das definições se fazia necessária. E essa lógica, *faute de mieux*, erigiu-se sobre o princípio do prognóstico. É assim, por exemplo, que se justifica o adjetivo “precoce”, instalado significativamente ao lado do conceito indeterminado de “demência” (à época, significando qualquer forma de loucura). O destaque para o surgimento de graves alterações mentais precoces na vida de uma pessoa, e, sobretudo, sua evolução sequelar, passam a superar em valor de evidência científica para a fundamentação nosológica o olhar sobre as sempre enganosas apresentações clínicas. Foi, assim, a mudança da ênfase do olhar científico, migrando da transversalidade semiológica para a diacronicidade

evolutiva que permitiu que um modelo classificatório convincente para a época pudesse se estabelecer e, com isso, um *corpus* científico mais robusto pudesse se desenvolver, ganhar protagonismo social e endossar a independência prática da psiquiatria. Essa mudança de ênfase do olhar não reivindicava nenhuma mudança epistemológica mais profunda. O fundamento filosófico sustentando a compreensão das doenças mentais permaneceu inabalado, em sua convicção cerebralista, incrustada em uma epistemologia caracterizada pela valorização dos fatos científicos a partir de seus antecedentes eficientes, alojados na fisiologia cerebral. Tratou-se apenas de uma concessão lateral, tática, por assim dizer, convocada *ad hoc* justamente para garantir o estatuto biológico das doenças mentais.

Esse compromisso frágil com a interpretação evolutiva não blindou o modelo kraepeliniano de críticas de seus coetâneos (Nota: com o emprego do adjetivo epônimo “kraepeliniano” (assim como “kraepelinismo”), intenciono uma dupla significação. A primeira delas, evidentemente, refere-se diretamente à obra do psiquiatra Emil Kraepelin. Com a segunda acepção, busco registrar as concepções de psiquiatria que derivaram dos cânones epistêmicos criados por Kraepelin, sobretudo a corrente hegemônica contemporânea, intitulada operacionalista-criteriológica. Essa duplicação de sentido se justifica pelo fato de que, junto a Paul Hoff (2015), sustento que o kraepelinismo, sem ser exatamente uma doutrina, age por uma influência doutrinária sobre o pensamento psiquiátrico contemporâneo). Uma delas, que nos interessará aqui, veio do jovem psiquiatra alemão Karl Jaspers. Crítica que assumiu uma atitude ambígua em relação ao legado kraepeliniano. Jaspers não se interessou, na verdade, em demolir a empreitada epistemológica de Kraepelin, mas, antes, em recuperá-la em um novo registro.

Antes mesmo de sua primeira publicação, em 1910, dedicada à utilização inaugural do termo fenomenologia em psiquiatria (Jaspers, 1910), pela qual se tornaria fundador de uma nova ciência, a psicopatologia, Jaspers dedicou-se, à moda kraepeliniana, pode-se dizer, a investigações diagnósticas marcadas pela orientação longitudinal. Em seu famoso ensaio “Prozess oder Entwicklung einer Personalitaet”, publicado já em 1910, Jaspers divide as alterações mentais em dois grandes grupos, os processos e os desenvolvimentos (Nota: importante frisar que essa inovação jaspersiana, embora bastante esquecida nos dias de hoje, inspirou grandes autores no início de suas carreiras, como Lacan, Ruemke e Lagache, deixando um legado de contribuições psicopatológicas de refinado apuro analítico e elegância descritiva). Neste longo estudo clínico sobre formas patológicas de ciúmes, Jaspers situa como ponto diferencial de suas duas grandes

categorias a maneira como a experiência de ciúme se insere na linha de progressão evolutiva da personalidade da pessoa acometida por delírios. Os processos – identificados posteriormente à esquizofrenia – ocorrem quando as vivências delirantes irrompem de modo heterogêneo em relação à concatenação lógica da evolução biográfica de uma vida, surgindo como um corpo estranho (uma negatividade dialética, dirá Lantéri-Laura (1962) ao sentido global desta. Por outro lado, as alterações do desenvolvimento insinuam-se gradualmente ao longo do desenrolar biográfico da pessoa, a partir de especiais ênfases em aspectos inatos de uma personalidade já previamente sensível ao tema dos ciúmes. No primeiro caso, o ciúme delirante não pode ser compreendido a partir das tendências da personalidade da pessoa, identificadas no seu modo habitual de experimentar o mundo e se comportar; no segundo, ele é um dos resultados possíveis do imbricamento, ao longo do tempo, do temperamento, da personalidade, dos fatos da vida e das interpretações que a pessoa incorpora a respeito destes. O adoecimento dentro de um processo seria, assim, supostamente, afirma Jaspers junto a Kraepelin, devido a uma alteração biológica ainda desconhecida e possui sinais distintivos: surge em um determinado lapso de tempo, dentro do qual se fratura a linha mestra do desenvolvimento da pessoa, fazendo-a experimentar algo tão diverso do habitual que uma crítica desta condição, por parte do paciente, se torna inviável. Por outro lado, as patologias do desenvolvimento insinuam-se gradativamente na consciência da pessoa acometida como modos particulares de reforço de suas tendências prévias e, portanto, são mais próximas de seu *modus operandi* habitual, menos dramáticas e exóticas e mais suscetíveis a alguma reavaliação crítica.

Tanto a concepção kraepeliniana como a jaspersiana têm, portanto, como arcabouço lógico de seu empreendimento intelectual a temporalidade de uma vida. Renovam a psiquiatria de então coroando a opção pela diacronicidade como solução para os impasses categoriais de então. Ambas reconhecem que a complexidade das alterações mentais exige um olhar paciente e longitudinal para uma boa compreensão diagnóstica e prognóstica dos fatos patológicos. Contudo, suas finalidades mais imediatas divergem. Kraepelin visava à organização classificatória da psiquiatria, tinha em mente o reforço das condições de possibilidade epistemológicas de sua época. Era um homem de seu tempo, para quem a evolução clínica pareceu servir como índice satisfatório para seus propósitos.

Jaspers, por seu turno, aspirava a algo mais complexo: sem renunciar à prática classificatória vigente ou à aceitação de fundamentos neurológicos para as doenças mentais, ou seja, sem renunciar à relevância da regressividade causal na psiquiatria, mirou a incorporação desta a uma temporalidade progressiva. Ergue seu pensamento

sobre uma compreensão psicopatológica aprofundada, centrada na dimensão propriamente subjetiva, promovendo, com isso, uma inusitada síntese, para a psiquiatria de então, ao elevar a própria subjetividade – até então atuando como coadjuvante científica da causalidade, - como palco central para o entendimento da doença mental. A partir da assimilação dialética dos conceitos, pressupostos e interesses kraepelinianos em uma nova ordem epistemológica, engendrou uma episteme, inaudita para o cenário psiquiátrico de sua época, com a qual procurou superar as fragilidades que identificava na estrutura de pensamento de Kraepelin ao mesmo tempo em que retinha algumas das características centrais do pensamento do mestre de Munique na dinâmica de seu próprio pensamento psicopatológico. Jaspers, assim, em coerência com a arquitetônica de sua obra maior, a *Psicopatologia Geral*, publicada inicialmente em 1913 (Jaspers, 1913/1997), procurou renovar dialeticamente a psiquiatria de sua época, deixando um legado psicopatológico até hoje presente nas grandes discussões acerca dos fundamentos da psicopatologia. Sua opção por esse balanço entre conservação e renovação faz da fortuna crítica de Jaspers um universo instável, pois permite análises que salientem ora seu aspecto kraepeliniano ora sua face voltada à progressividade temporal. De acordo com as conveniências do comentador, escolhe-se uma face de Jaspers, como se essa pudesse em princípio ser investigada totalmente em separado de sua outra face. É justamente pela superação (ou evitação) dessa leitura binária de Jaspers que pretendo atuar neste trabalho, defendendo que se faz inevitável uma compreensão que efetue a leitura ponderada de ambas as vertentes, em suas reciprocidades simultâneas.

O objetivo deste artigo é examinar o modo pelo qual a opção dialética de Jaspers configurou, alçou a estatuto de importância basilar e operacionalizou a mais importante das suas noções relacionadas ao desenvolvimento adulto em suas formas patológicas. Pretendo mostrar como essa opção dialética, em sua razão constitutiva, forjou as condições de possibilidade para que tanto um conceito central de Jaspers relativo à biografia, sua noção de *Bios*, assim como sua instrumentação analítica mais madura, a patografia, viessem à tona revelando ambas uma unidade que só pode ser compreendida em sua totalidade a partir da investigação da modalidade com a qual os pressupostos conceituais de Jaspers foram moldados em sua dinâmica de retenção e superação do modelo kraepeliniano. É a unidade da episteme dialética urdida por Jaspers para entender a biografia anômala que pretendo, em suas linhas gerais, iluminar neste artigo. Com o renascimento da necessidade de se entender os fatos psicopatológicos a partir de uma perspectiva longitudinal ou evolutiva, parece-me pertinente examinar a obra



psicopatológica de Jaspers (Nota: meu artigo se limita à sua produção voltada diretamente à psicopatologia, ainda que com frequência esta se enovele com a vertente filosófica do pensador) que, dada a sua influência original na constituição do modo de pensar da psiquiatria, forneceu estruturas de pensamento que até hoje seguem válidas no cotidiano da psiquiatria, muitas vezes de forma tácita.

Para executar essa tarefa, dividi este trabalho em três partes, que se relacionam entre si de modo dialético. Em primeiro lugar, examino os aspectos contrastantes entre as obras dos dois autores no que tange à diacronicidade, que culminam com um estatuto diverso para a noção de desenvolvimento. De certo modo, essa primeira seção prolonga o que já mencionei sobre as diferenças entre os autores. Numa segunda seção, invisto na apresentação de como Jaspers forja o valor supremo de seu conceito de desenvolvimento biográfico, a vertente progressiva de seu pensamento. Para isso, é indispensável que se examine brevemente o sentido de totalidade dialética que organiza a obra psicopatológica de Jaspers. Em um terceiro tempo, revelo uma insuspeita permanência de pressupostos kraepelinianos na concepção biográfica de Jaspers. Essa confluência é desvelável somente pela análise das condições de possibilidade da construção da noção de desenvolvimento biográfico em Jaspers. Por fim, concluo com algumas reflexões acerca das influências dessa presença específica de Kraepelin em Jaspers para a atualidade. Assim, executarei um movimento pendular de afastamentos e aproximações de Jaspers com o kraepelinismo, que se inicia pela apresentação dos objetivos explícitos dos autores e termina em um nível mais profundo, com a investigação de suas condições de possibilidade.

## Os sentidos divergentes da longitudinalidade em Kraepelin e Jaspers

Ainda que ambos os autores tenham elegido a temporalidade – no primeiro caso, como a evolução das formas demenciais e, no segundo, como a progressão temporal do desdobramento biográfico de uma personalidade – como seu *leitmotiv* classificatório e definitório da ontologia diferencial das principais doenças mentais, as diferenças epistemológicas e metodológicas entre ambos são suficientemente amplas para que se possa dizer que seus respectivos legados gradualmente mais as tenham apartado do que unificado. Historicamente, tanto a prosperidade sociológica da influência kraepeliniana como a limitada influência jaspersiana no *mainstream* da posteridade psiquiátrica não são apenas consequências marginais e, no limite, casuais, do sucesso político-sociológico das

ideias de um cientista em relação ao outro. Antes, elas evidenciam as modalidades de inserção de ambos os pensadores um conflito intelectual que, em suas linhas gerais, opera nos sistemas de pensamento das sociedades ocidentais e, por conseguinte, nos da psiquiatria e suas ciências, desde fins do século XIX até os dias atuais, sem alterações substanciais. Já fiz menção genérica a ela acima. Cumpre agora qualificá-la. Trata-se da cisura entre um pensar que reduz a experiência psicológica a um subproduto dos mecanismos causais cerebrais, representado aqui por Kraepelin, oposto a um pensamento que, insisto, sem renunciar à necessidade da causalidade biológica, busca acolher a complexidade interna da própria experiência *qua* experiência e almeja com isso fornecer critérios mais sofisticados até mesmo para a epistemologia representada por Kraepelin. Nesse sentido, Jaspers foi o *enfant terrible* da tradição kraepeliniana, o discípulo oblíquo de um modo de se fazer psiquiatria que, adotando suas teses tradicionais à época, procurou ir mais além e refazê-las, diluindo e tornando complexos seus contornos, mas jamais abandonando no todo suas profissões de fé mais basilares.

Essas diferenças de visão de mundo que embasam o proceder científico de ambos não poderiam deixar de influenciar os sentidos pelos quais a captura do desenvolvimento de uma biografia tenha sido incorporada na psiquiatria. Para o primeiro modo de pensar, a longitudinalidade é somente o cristal por meio do qual se revelam as emanções de uma fisiologia cerebral alterada que, em seu limite, poderia ser decifrada, em sua íntegra, na medida exata dos avanços das neurociências. Para o segundo, a experiência psicológica, em suas vertentes patológicas, - sem deixar de submeter-se a um causalismo clássico - tem como polo de fixação a compreensão das falhas interiores nascidas da própria indeterminação do existir, condição em si mesma inacabada e, por isso regida por uma temporalidade implícita que insatura em definitivo o sentido de cada vivência psicológica. Se, para o primeiro modelo, a temporalidade é um fator contingente, útil apenas enquanto não se identifica um revelador melhor do cerne das alterações mentais, recuadas ao cérebro (perseguição que segue até este primeiro quarto do século XXI, sem grandes consequências positivas) - com o qual se poderia abandonar a noção de evolução como pilar diagnóstico -, para o segundo modelo, a temporalidade é o elemento propriamente dito de investigação, o leito estruturante e irreduzível da condição humana, que cumpre decifrar todas as vezes em que se faz uma investigação psicopatológica. Se, em suma, para Kraepelin, a noção de evolução já nasce evanescente e instrumental, para Jaspers, pela lógica interna de seu pensar, por representar a compreensão da subjetividade pessoal em seu todo, ela receberá um estatuto central. Se em Kraepelin o humano como um todo



é apenas uma silhueta ao fundo de um desarranjo cerebral recalcitrante à decifração, para Jaspers, ele é o todo que determina o sentido de qualquer experiência psicopatológica.

## A dialética geral da Psicopatologia Geral

Como acima sugeri, a obra psicopatológica maior de Jaspers, a Psicopatologia Geral (PG) (1913/1997) permite uma leitura dialética (Messas, 2023). Esta baseia-se especialmente na tradição germânica de pensamento do “círculo hermenêutico”, inspirada por Wilhelm Dilthey (Nota: Importante registrar que Jaspers menciona a dialética hegeliana em diversas passagens de sua Psicopatologia Geral (1997) apresentando seus créditos a Hegel. Contudo, não se pode dizer que haja uma supremacia deste modo de realização da dialética nela). Para Jaspers, toda experiência deve ser entendida a partir de uma circularidade contínua entre parte e todo. Assim, a compreensão de uma vivência delirante-persecutória de uma pessoa não pode esgotar-se em sua descrição minuciosa, embora esta seja etapa necessária. A vivência alterada apenas ganha sentido ao ser examinada em sua dialética com a personalidade total da pessoa. A visão de totalidade, auferida pela compreensão da personalidade, oferece uma significação global da experiência alterada que irá permitir, como dissemos, uma diferenciação diagnóstica entre, digamos, uma esquizofrenia processual ou uma paranoia desenvolvimental. Toda a validade desta distinção diagnóstica depende, portanto, do valor conceitual e pragmático dado à noção de totalidade. Não posso me aprofundar nos diversos empregos do conceito de totalidade dentro da Psicopatologia Geral, embora ele esteja organizando o pensamento do autor nos diversos níveis da obra (Messas, 2014). Para meu propósito, basta destacar que a biografia de um indivíduo é o nível supremo de totalidade passível de ser conhecida cientificamente, já nos confins em que, para Jaspers, as ciências psicopatológicas se dissolvem em filosofia da existência. A biografia – um conceito necessariamente desenvolvimental e diacrônico – é o objeto que representa ao máximo o pensamento empírico de Jaspers na Psicopatologia Geral, o ponto sintético culminante em que diversas análises anteriores, ou seja, as partes que compõe o mosaico de compreensão de uma pessoa, encontram seu estuário. A totalidade do desenvolvimento biográfico – o bios, na terminologia jaspersiana – é, deste modo, a chave definidora do modo de afinamento dos procedimentos científicos parciais que compõem a investigação biográfica. Será ela a definir o sentido da participação dinâmica das partes envolvidas nas dialéticas parte-todo que se inauguram; será ela, igualmente, que ditará as partes a serem recrutadas para a compreensão da condição patológica. Jaspers, ao estabelecer essa

hierarquia de conhecimentos que coloca a personalidade e sua biografia como seu coroamento, emula, à sua moda, uma forma de “*Sub specie personalitatis*” como regra de ouro para a compreensão das patologias mentais humanas.

A coerência de todo esse tonalismo ditado pela biografia depende exclusivamente, portanto, da definição de totalidade com que Jaspers nutre a compreensão de personalidade: “... personality is the term we give to the *individually differing and characteristic totality of meaningful connections* in any one psychic life” (GP, p. 428)<sup>1</sup>. Em última análise, portanto, a garantia da compreensividade coerente de uma personalidade (e de sua incoerência processual) está dada em uma totalidade que se acessa por meio da reunião entre todos os conhecimentos significativos de uma vida, adquiridos pelo concurso de ciências empíricas as mais diversas, expostas na PG. Conhecer cientificamente a biografia de uma personalidade é, portanto, sintetizar em um contexto personalíssimo todas as apurações científicas que se pôde auferir dessa pessoa por meio de diversos métodos científicos. O estudo da biografia em Jaspers é o critério seminal de validade de todo e qualquer empreendimento científico. Essas conexões de significado de uma vida (*Sinngesetzlichkeit*), não são, no entanto, organizadas linearmente. Não se trata aqui da somatória de diversos elementos compreensíveis, que poderia ser, assim, adquirida pelo viés científico *pars extra partem*, mas da síntese dialética entre todos eles, síntese que só pode ser afirmada por um ato de intuição que transborda as ciências empíricas. Afirmando um matiz kantiano, Jaspers afirma que a totalidade é uma ideia, uma noção-limite apenas.

Esse sistema de pensamento instaura uma assimetria metodológica na construção da validade do diagnóstico psicopatológico. Se, por um lado, na ausência do tonalismo biográfico, seria suficiente, para o diagnóstico, o conhecimento descritivo da vivência persecutória (para ficarmos no mesmo exemplo), adquirido pela descrição em primeira pessoa fornecida pelo próprio paciente e avalizada pela empatia do psicopatologista, constituindo aquilo que Jaspers cria sob o nome de psicopatologia fenomenológica, em 1912(Jaspers, 1912/1968). Este conhecimento, necessariamente parcial, submete-se a regras próprias de um campo científico (que, em suas linhas gerais, permanece produtivo até hoje). Porém, a atestação suprema de sua validade, só pode ocorrer, totalidade que é,

---

<sup>1</sup> Como me utilizo, ao longo deste artigo, da edição inglesa da obra “Psicopatologia Geral” (1913/1997), nesta e nas demais citações diretas de excertos da obra, dei preferência a manter o texto em inglês. Pretendi, com isso, ainda que agregando certo esforço ao leitor, evitar as dificuldades inerentes a traduções de traduções.

a partir de uma intuição transcendente a qualquer ciência. A identificação global do sentido da alteração só é acessível por um ato hermenêutico, ou seja, por uma interpretação que sintetize a unidade desta vida, rompida – ou não – no vivenciar patológico.

Pode-se, por exemplo, identificar diretamente um sentimento intenso de estar sendo perseguido; pode-se captar diretamente a impressão da família de que algo estranho ocorre com seu membro. No entanto, a absorção significativa desses achados imediatos em um sentido unitário da personalidade não pode ser acessível diretamente como ciência. Há, portanto, uma distinção qualitativa de validade entre o fenômeno parcial (a fenomenologia) e o total, a biografia. O parcial é, deste modo, doado na evidência clara da realidade, por meio de uma ciência descritiva das vivências, denominada por Jaspers fenomenologia; a totalidade, intuída apenas pela inclusão de um sentido geral que habita as coisas, mas não se revela de imediato, exigindo do psicopatologista – e do paciente – um ato hermenêutico, revelador dos sentidos da totalidade. Conhecer, portanto, as características deste ato visando a totalidade em Jaspers é fundamental para conhecer o enquadramento que dá ao entendimento do desenvolvimento humano adulto.

A hermenêutica da totalidade biográfica não é arbitrária ou aleatória, pois respeita as linhas típicas presentes na biografia da pessoa, mas, dada a complexidade desta, jamais a esgota. A totalidade biográfica, assim, é, ao mesmo tempo, o elemento central de um ato compreensivo e seu componente mais mediato e incerto em seus sentidos. Elemento central agenciador da compreensão de toda uma biografia e, ao mesmo tempo, incapaz, por sua própria obscuridade, de ser abarcado cientificamente. Esta dualidade é, para Jaspers, insolúvel, ainda que possa ser sintetizada dialeticamente, por meio da dinâmica entre o saber científico e a intuição filosófica. A totalidade em Jaspers, embora constituinte central de um pensamento, é um conceito limite, em relação ao qual nosso pensamento se dirige sem que, no entanto, jamais possa encerrá-la completamente. É um fundo fugidio do existir humano que, paradoxalmente, é o centro mais claro a partir do qual se definem diacriticamente as doenças mentais. Trata-se de um grave paradoxo, sempre assumido por Jaspers, embora não avaliado em suas consequências pragmáticas, como pretendo esboçar aqui.

Diante dessa complexa articulação entre elementos imiscíveis entre si, ciência e filosofia, cabe-nos uma indagação: Como se pode erigir uma distinção psicopatológica central para toda a psicopatologia sobre um conceito regente de totalidade que jamais se

estabiliza o suficiente para servir de parâmetro para sua comparação? Se “The attempt to grasp the individual finally and entirely as a whole is bound to fail. Everything that we can grasp is finite and isolated and not the man himself”(GP, p.758), como se pode garantir que a ruptura processual não seria apenas uma modalidade a mais do existir humano, como pretendem as correntes críticas da psiquiatria, e não uma doença de base biológica, como sempre postulou Jaspers? Não há solução para essa antinomia em Jaspers, no interior das ciências humanas. Seu equacionamento revela a forma marcante do autor de atar as ciências à filosofia, como polos articuláveis entre si mas relativamente independentes. Síntese que exige que elementos pré-reflexivos da lógica da episteme científica tenham que se interligar dinamicamente a uma episteme a ela estranha, a da filosofia existencialista de Jaspers (toda sua obra psicopatológica, à qual se limita este trabalho, é recheada dos conceitos existencialistas do autor, sobretudo nas partes referentes à biografia), favorecendo uma espécie de hibridismo de recorte de mundo. É esse hibridismo a grande formação canônica de Jaspers influenciando a compreensão do desenvolvimento adulto patológico, que, consciente ou implicitamente, seguimos repetindo ao longo das décadas, até os dias de hoje (Messas, et al., 2023)

Tímido quanto à crença da amplitude da capacidade da ciência entender o humano, Jaspers consagra à filosofia grande parte do mistério do existir, para o qual, segundo entende, não é possível qualquer empreendimento científico. Apenas a filosofia garante, se não um acesso seguro, ao menos a via privilegiada para o acesso do mistério da unidade e particularidade da biografia. Jaspers edifica assim sua psicopatologia em uma unidade sintetizável filosoficamente sobre inúmeras parcialidades adquiridas cientificamente. Diante disso, para os propósitos deste trabalho, podemos nos perguntar: qual o resultado dessa dialética jaspersiana, estribada na tensão constante entre duas disciplinas com vieses, tradições e finalidades sociológicas distintas? E, o que é mais importante, ocorrendo na categoria central para todo o edifício psicopatológico de Jaspers? Pretendo a seguir esboçar alguma resposta a essa questão, crucial para o entendimento clássico na noção de desenvolvimento biográfico.

### **As patografias e a dialética interrompida**

Esse hibridismo epistemológico da psicopatologia não impediu que Jaspers explorasse descritivamente a mais complexa das sínteses da existência, a biografia, para a demonstração científica da dualidade processo x desenvolvimento, ainda que, no

registro das ciências empíricas, tenha se limitado a esta exploração. Este conhecimento totalizante foi efetuado pelo autor por meio de suas famosas patografias, sendo as mais reconhecidas as de Strindberg e Van Gogh (1953), (Nota: essas patografias, diferentemente das análises de casos de 1910, dedicaram-se apenas a examinar o que o autor entender ser processos esquizofrênicos). Estas seriam o testemunho mais amadurecido de uma visão de mundo que leva a compreensão psicopatológica à sua forma dialética longitudinal mais complexa. É neste ponto da obra psicopatológica de Jaspers que se revelam as cláusulas tácitas pelas quais Jaspers assimilou o pensamento kraepeliniano, mantendo intactos os pressupostos deste autor no que tange à compreensão da temporalidade subjacente ao desenvolvimento da personalidade adulta adoecida. É, como pretendo apresentar a seguir, no exame das condições de possibilidade do conceito de bios e biografia de Jaspers que duas assimilações intactas do kraepelinismo permanecem ativas no modo como Jaspers desenha suas biografias. Passemos a elas.

### **1. A homogeneização da temporalidade**

Os olhares criam as suas categorias. Anos após a publicação de suas ideias longitudinais primeiras, Jaspers apresenta, em sua *Psicopatologia Geral*, o que talvez possa ser visto como a versão madura das categorias necessárias para a captura da diacronicidade biográfica. Ao examinar a vida psíquica individual como um todo, o *bios*, Jaspers mantém coerentemente seu modelo dual juvenil, - processo/desenvolvimento da personalidade. Essa dualidade enriquece-se agora com o acréscimo de dois grupos de conceitos correlatos: as categorias biológicas do curso da vida (“épocas”, “fases” e “processos típicos”) e as categorias pertencentes estritamente à história da vida, “primeira experiência”, “adaptação”, “crise”, “desenvolvimento da personalidade” etc. (seção 3) (p.678). A síntese totalizante da biografia – vale lembrar, sempre um ato hermenêutico – traz estas categorias como elementos parciais a darem sustentação ao ato hermenêutico unificador. Seriam elas, assim, a garantia empírica de que um ato sintético de pensamento pudesse conferir o máximo de compreensividade longitudinal a uma vida individual. Uma investigação sintética de um bios individual seria, dentro da razão dialética jaspersiana, uma investigação articulada de todas as categorias biológicas clássicas da psiquiatria alemã com aquelas típicas da história de vida. Essa síntese única entalhada em um indivíduo seria a formulação rematada da psicopatologia dialética longitudinal de Karl Jaspers.

No entanto, a despeito do poderio investigativo que tais categorias forneceriam à investigação do bios, esse momento apoteótico não ocorreu como seria de se esperar. O legado das patografias jaspersianas não se organiza a partir dessa forma superior de círculo hermenêutico por ele mesmo proposta na PG. Seja em sua obra fundadora da juventude (1910) ou em suas posteriores patografias de Strindberg e Van Gogh, o que se lê aponta antes para uma utilização tímida do círculo hermenêutico, limitada à busca diferencial entre ruptura processual e desenvolvimento alterado, sem a mínima incorporação desse grupo de categorias que tornaria a longitudinalidade dialeticamente compreensível. No caso das patografias, os elementos biográficos cuidadosamente coligidos para a compreensão da vida dos patografados servem apenas à demonstração dos caminhos da ruptura processual, nos legando interessantes observações que, contudo, restam muito aquém do poderio dialético e analítico oferecido pelas próprias criações categoriais jaspersianas na PG. É assim surpreendente que o mesmo autor que afirma que a *“Dialectics is the **form** in which a basic aspect of meaningful connections become accesible to us, namely, that these connections are **not a simple sequence of events but show a constant reciprocity**”* (p. 345) (grifos meus) não tenha levado suas análises patográficas ao detalhamento dessas constantes reciprocidades que, assumindo necessariamente formas cognoscíveis, permitem o conhecimento dos sentidos diacrônicos operantes sobre uma personalidade. Suas análises patográficas privilegiaram apenas um aspecto dessas reciprocidades.

Nesse sentido, suas investigações patográficas mais se aproximam da longitudinalidade linear de Kraepelin (a “simples sequência de eventos”, por ele criticada) do que de suas próprias ambições intelectuais carregadas de fervor dialético (Nota: sempre se pode dizer a favor de Jaspers que as categorias enriquecidas que o filósofo propôs estavam mais direcionadas a uma reflexão da existência e não a uma psicopatológica. Em favor dessa defesa estaria a cronologia dos escritos de Jaspers, já que as patografias foram escritas nos seus anos de jovem psiquiatra ou no período inicial de sua carreira filosófica. De todo o modo, não houve no que se refere às patografias, uma radicalização psicopatológica na obra de Jaspers, compatível com a riqueza dialética de sua obra seminal e a importância da biografia em seu sistema hierárquico de pensamento. Do mesmo modo, as várias alusões ao sentido da dialética, esparsas na PG (1997, p.28-31; p.672-674; p. 677-678; p.681- 683; p.694-698; p.701-704; p. 750-752), parecem não ter apresentado inspiração para as patografias).



Nelas, a despeito da atenção que o autor traz para as complexas experiências dos pacientes analisados, o interesse geral foca-se na apresentação ao longo do tempo dos diagnósticos diferenciais principais, fornecendo uma narratividade de valor apenas literário, despida da intenção psicopatológica que o próprio autor advoga em sua obra maior. É ainda com Kraepelin que aqui operava Jaspers. Não pretendo aqui recensear o valor sociológico da dialética longitudinal jaspersiana para a psicopatologia. Meu propósito exige apenas que examinemos as consequências dela para a noção de longitudinalidade em psicopatologia. Como fundamento de conhecimento, essa complexidade nos legou resultados contrastantes. Por um lado, ela forneceu um fator organizador geral para o entendimento global de todas as ciências psicopatológicas regionais, legando uma organização até hoje insuperável destas. Reconheça-se que Jaspers explicitamente teve essa finalidade em mente ao lapidar esta obra. Contudo, para a investigação da longitudinalidade subjetiva de um bios, o empreendimento jaspersiano não caminhou para além de suas próprias configurações iniciais, retendo a episteme kraepeliniana em sua integralidade. Grandiosa na apreensão das ciências psicopatológicas, a obra de Jaspers manteve-se em forma larvar na expressão pragmática do desenvolvimento subjetivo de uma pessoa.

O resultado disso para a história da psicopatologia foi o recuo frente a uma noção forte de dialética como princípio organizador da psicopatologia da longitudinalidade. Poderosa inspiração global da PG, a dialética, em seu emprego empírico na investigação de casos clínicos, seu momento de apogeu, deflacionou-se em um modelo dualista literário, capaz apenas de examinar o surgimento, ao longo do tempo de uma vida, de uma vivência alterada psicótica, examinada em relação ao todo global sintético da personalidade.

Observemos mais de perto essa timidez na aplicação da dialética como fundamento de apreensão biográfica, buscando desvendar suas condições de possibilidade epistemológicas, pois serão elas a nos insuflar alguma compreensividade para essa aparente injustiça do autor para consigo mesmo. Importa-nos observar as características implícitas desta noção de temporalidade que fundamenta essa forma analítica quase adialética. Investigando implicitamente a personalidade como continuidade de sentido, ou seja, centrando a captura compreensiva por meio de uma linha contínua sobre a qual certas vivências e comportamentos são eleitos como principais índices de coerência ou incoerência das experiências, Jaspers baseou-se em uma **homogeneização da forma da temporalidade**, completamente afinada com o modelo intelectual de Kraepelin. Como em

Kraepelin, a temporalidade da personalidade surge como um leito contínuo, fixo, virtual, sobre o qual se observa o surgimento de anomalias de valor diagnóstico. Para iluminar a debilidade dessa concepção, me permitirei uma breve digressão, uma saída da interioridade do pensamento de Jaspers, convocada à guisa de facilitação argumentativa. Façamos um exercício de contraste. Ao leitor das patografias jaspersianas, pode parecer óbvio e natural que o melhor caminho para o exame da longitudinalidade seja seguir os rumos da alteração psicopatológica ao longo do tempo de maturação da personalidade, **como se a estrutura dessa temporalidade maturacional fosse uma e a mesma ao longo de todo o trajeto**; como se não houvesse, por exemplo, uma temporalidade diversa entre o período, digamos, da juventude e aquele da maturidade da pessoa. Como se, por exemplo, a experiência global de mundo da pessoa que sofre a irrupção esquizofrênica em sua juventude fosse a mesma daquela que já vivesse integralmente sua esquizofrenia como parte integrante do seu ser, na idade adulta. Como se os conflitos e contradições que a pessoa tivesse enfrentado nos momentos de eclosão de seu transtorno, e diante dos quais tivesse de ter tomado decisões irreversíveis em sua vivacidade do instante, não merecessem ser acrescidas à análise da longitudinalidade. Como, enfim, mundos temporalmente diversos, do ponto de vista estrutural, fossem o mesmo em termos da sua *Zeitform*. Assim agindo, Jaspers afasta-se do próprio Jaspers como complexo analista das categorias do *bios*, dentro das quais encontra destaque a noção das “fases da vida” como categoria central para a compreensão de uma vida. Jaspers, nesse aspecto, nos legou um catálogo das categorias supostamente centrais para a apreensão dialética da existência individual, sem que esse catálogo respeitasse, em sua construção mais e valorosa para a história da psicopatologia, as patografias, a própria noção delas fundante, a de dialética, entendida como a captura da instantaneidade na qual as diversas linhas de tensão de uma vida agem sobre esta e fornecem o palco sobre o qual a pessoa precisa tomar suas decisões. O catálogo de categorias do *bios* é, em si, alheio à “constante reciprocidade” aludida por Jaspers para a dialética da apreensão da experiência humana. Ele permanece como um catálogo, uma lista linear de categorias que, clamando por uma unificação, não a encontra em nenhum ponto da obra psicopatológica do autor. Não se trata de uma incompletude marginal. Se as categorias do *bios* apenas ganham sua validade existencial em sua condensação recíproca em uma pessoa singular, a ausência de sua utilização em uma “prova de validade do conceito” a ser realizada necessariamente na investigação de uma vida constitui o enfraquecimento de toda a proposta dialética, no plano mais alto de sua utilização. De certo modo, a assimilação inalterada da linearidade (irmã-gêmea da

causalidade) kraepeliniana informou a dialética jaspersiana no momento em que mais ela deveria ter sido afastada, para que uma nova ciência do desenvolvimento psicopatológico, afim ao filósofo Jaspers, pudesse despontar.

Insisto um pouco no contraste. Veja-se, por exemplo, o conceito grego antigo – tão empregado na medicina jônica – de kairós. Kairós é um conceito temporal pertencente a uma modalidade de tempo qualitativamente diversa dos demais, uma temporalidade na qual, por exemplo, a doença pode ser controlada; um tempo curto, limitado, heterogêneo aos demais, registrado como parte de uma temporalidade dialética *avant la lettre*, na qual algo poderia ser feito que determinasse rumos diversos ao seguimento da doença. Este tempo heterogêneo, essa janela de oportunidades, tão cara ao pensamento antigo, essa redução da temporalidade macro e homogênea de uma vida a microtemporalidades heterogêneas e parcialmente independentes em relação ao tempo macro e homogêneo da linearidade, passou ao largo do pensamento jaspersiano em suas patografias. Essa ausência tornou também impossível a radicalização de uma dialética, entendida como uma sequência de estruturas temporais diversas entre si, constituídas por elementos parciais organizados diversamente entre si. Trago agora um exemplo da seara da psicologia desenvolvimental. Durante minha juventude, a temporalidade futura domina todos os meus projetos de vida e minhas ambições. A indeterminação histórica dada pela escassez das minhas experiências de vida faz com que a temporalidade seja mais aberta; assim, o arco de possibilidades que posso viver é mais amplo, tanto posso me encantar com uma idealização (ser médico, por exemplo, neste momento indica apenas uma projeção ideativa de mim mesmo, em geral baseada naquilo que vi e imaginei de outros médicos), como posso perdê-la subitamente por uma frustração. Se sinto, nos primeiros anos de faculdade de medicina, que aquele meu ideal não está sendo realizado, não consigo manter-me atado ao projeto original e os procedimentos diários para atingi-lo perdem sentido, fazendo com que eu abandone este projeto. Trata-se de uma temporalidade instável, dominada pela volatilidade e insaturação constituintes do próprio futuro e que, como tal, determina a menor estabilidade também das próximas vivências que terei. Uma vivência menos sedimentada em mim é uma vivência menos sólida e, como tal, inaugura uma dialética específica relativa à minha recepção das próximas experiências. Por exemplo, uma notícia de que a profissão médica está se tornando burocratizada pode impactar minhas decisões a ponto de dela desistir, algo mais difícil de ocorrer se minha profissão médica já estiver mais sedimentada. De um lado, o mundo se oferece como paixão, abandono, intensidade e variabilidade; por outro, como

subordinação, falta de sustentação, vazio e indeterminação identitária. Minhas tomadas de decisão serão definidas por essas alternativas, determinadas justamente pela estrutura de minha temporalidade juvenil. Por outro lado, sendo médico há 30 anos, as alternativas que se me apresentam são enquadradas pela sedimentação dessa identidade social em minha identidade e em minha existência. Imaginemos, por outro lado, que o sentido existencial dessa profissão se tenha esgotado em mim, que sinto que nada mais posso obter de significativo cuidando de pessoas. Neste caso, o esgotamento da experiência representa a anulação da fundamentação do passado que alicerça minha existência. Perder este sentido não implica a abertura a um novo, mas, antes, arrisca-se a se transfigurar em um colapso global do sentido. Os exemplos seriam muitos, mas essas breves observações bastam para esboçar a ideia do que seja uma temporalidade formalmente heterogênea, fincada nas variabilidades das proporções da temporalidade, definidas muitas vezes pelas fases de minha vida, em que se dão necessariamente minhas vivências cotidianas.

O descompromisso com a radicalidade dessa temporalidade heterogênea e dialética, reveladora da mobilidade da vida em seus diversos instantes e próxima do calor do cotidiano de quem vive as alterações, fez do sistema longitudinal dialético jaspersiano um paradoxo, o de ser ao mesmo tempo aberto e fechado, fecundo e estéril. Aberto e fecundo, já que examina as vidas do ponto de vista de um diálogo entre o todo e uma ruptura que segue recrutando novos elementos em seu diálogo com o desenvolvimento da pessoa. Fechado e estéril, contudo, à medida que incorporou sem modificações a forma homogênea da temporalidade que subjaz ao pensamento kraepeliniano (e a todo pensamento de matiz positivista que impera nas ciências da mente contemporaneamente) e não teve olhos para a imediatez do cotidiano no qual se vivem essas dialéticas temporais heterogêneas, imediatez na qual obrigatoriamente se dão as tomadas de decisão existenciais – na doença mental, nas crises pessoais e na normalidade da vida – que, ao fim e ao cabo, determinam o sentido longitudinal de uma vida.

## ***2. A regressividade da análise temporal***

Outra característica dessa assunção implícita da temporalidade kraepeliniana merece ser anotada, ainda que brevemente, pois é um subproduto da anterior. O conceito implícito de temporalidade biográfica no modelo jaspersiano, no fim das contas, favoreceu a constituição de um sistema de pensamento cujo sentido lógico **apenas se pode constituir por uma visão retrospectiva do todo**. Operando à moda do historiador, cujo mister é o

exame dos fatos a partir de um distanciamento deles, distanciamento este que garantirá a visão totalizante da compreensão histórica, Jaspers realiza uma dialética em segunda intenção. Assim fazendo, alija das suas análises os instantes vivos, dados no presente cotidiano das experiências vividas, dados naquele instante em que os desfechos da vida apenas aparecem potencialmente como um horizonte de possibilidades frente a dilemas em relação aos quais nenhuma certeza se apresenta.

Esta vibração de um momento cruento, no qual a pessoa se vê obrigada a decidir sem um mapa que lhe confira certezas é obscurecida pela visão regressiva, pela qual já se manifestam amadurecidos, cristalizados em fatos decorridos, em história consolidada, em uma formação na qual a retenção do passado já superou a dilaceração vivida no presente. Apenas sua sedimentação (dos instantes, outrora vivos), vista pelo retrovisor, foi registrada. É justamente nessas formas heterogêneas da temporalidade que se poderia investigar não aquilo que foi – sempre visto regressivamente – mas algo daquilo que poderia ter sido a partir das tensões dialéticas impostas à pessoa naquele exato momento de sua vida, já que cada forma temporal promove suas próprias aberturas para o desenvolvimento biográfico e sofre suas reduções pela doença ou por decisões pessoais, pela ausência delas, ou pelo mero acaso. A visão regressiva do todo biográfico ironicamente enrijeceu a própria matriz da ambição filosófica de Jaspers, a de entender a vida como incerteza e indeterminação, restringindo-a, novamente à moda kraepeliniana, a um proceder de investigação somente prognóstica, fundamentada na análise da regressividade. Assimilando dialeticamente a tradição kraepeliniana e mantendo as suas noções tácitas de linearidade e regressividade do tempo, as patografias de Jaspers, se observadas pelo máximo de rigor de uma compreensão aberta e descontínua de temporalidade, não são propriamente dotadas de uma temporalidade progressiva. Prescindem exatamente da noção dialética dada na intenção de compreender e conferir lógica à diacronicidade assentada na biografia. Não revelam o espírito do tempo vivido, para o qual a análise das contradições do instante é parte crucial. A regressividade temporal pressuposta por Jaspers em suas patografias canonizou a noção de uma biografia sem tempo, no próprio avesso de suas ambições dialéticas.

## Conclusões

Procurei neste artigo sumariamente refletir sobre um conceito central na obra psicopatológica de Jaspers, o de biografia. Executei esta tarefa sob uma dupla inspiração.

De um lado, procurei apresentar rigorosamente o modo como o tema foi tratado pelo autor em suas publicações a ele dedicadas. Essa inspiração cobriu a maior parte do artigo. Contudo, em alguns momentos, realizei uma crítica externa à obra psicopatológica de Jaspers, apontando certas fragilidades nela que só ganham sentido a partir de outra visão de psicopatologia, que não a do autor. Esse, digamos, toque pessoal, se justifica pela necessidade de se examinar a obra de Jaspers sobre o desenvolvimento adulto a partir das demandas da contemporaneidade, que, evidentemente, jamais poderiam estar contidas nas intenções de Jaspers. Espero que o resultado justifique a forma escolhida.

Concebido como um conceito sintético, que reúne em si, na investigação particularista de uma pessoa, todos os conhecimentos psicopatológicos obtidos analiticamente pelas ciências da mente patológica, a noção de biografia situa-se no momento apical da sua obra psicopatológica. Dado o renascimento da influência de Jaspers na atualidade, como mentor de uma psiquiatria em busca de uma renovação paradigmática, parece-me justificável e mesmo necessária a retomada deste conceito, na formulação dada pelo autor. Realizei esta tarefa examinando-o à luz de uma característica central da obra psicopatológica de Jaspers, a dialética. Em especial, a dialética efetuada pelo autor ao assimilar uma obra que valorizou especialmente a diacronicidade, a de Kraepelin, a suas próprias ideias, voltadas à superação da mesma episteme kraepeliniana. Seguindo este trajeto, identifiquei como Jaspers reteve de modo praticamente intacto duas condições de possibilidade centrais do pensamento psicopatológico de Kraepelin, no que se refere à temporalidade, a homogeneização e a regressividade. Assim fazendo, o legado de Jaspers no que se refere à diacronicidade permaneceu nos limites tradicionais do pensamento causalista e linear engendrado pelo kraepelinismo positivista.

Concluo destacando uma consequência para a atualidade dessa presença kraepeliniana oculta nas patografias de Jaspers. Da vertente existencialista jaspersiana, marcada pela indeterminação da existência, brotaram as psicoterapias de matiz existencial que, por definição, visam à compreensão da totalidade biográfica como seu objeto primaz. Estas surgem, de um lado, como oposição aos modelos clínicos causalistas cerebrais – voltados à cura das doenças mentais entendidas como supressão de um desvio fisiológico sempre suposto e nunca desvendado; de outro lado, como superação da regressividade freudiana, com sua metapsicologia centrada nas constantes sedições fermentadas no inconsciente histórico do passado remoto. A psicoterapia existencialista inspirada por Jaspers colocou o humano diante de sua situação presente, no entrecruzamento deste com o passado e o futuro. Fez o objeto do tratamento clínico voltar-



se à compreensão de si e à assunção de sua própria vida. Esta pretensão, contudo, a despeito da riqueza sociológica que vem proporcionando por meio de uma plêiade de psicólogos e psiquiatras que se dedicam a compreender a existência, não tiveram em Jaspers um modelo compreensivo que os capacitasse para compreender a situação existencial em sua diacronicidade biográfica, revelada em seu tempo vivido. É possível que essa insuficiência herdada do próprio Jaspers tenha fragilizado as psicoterapias existenciais diante do poderio da hegemonia positivista, já que, ao receber de um de seus criadores mais célebres uma temporalidade silenciosamente afim ao causalismo kraepeliniano, oscilou entre esgrimir-se na busca de uma diferenciação em relação àquelas psicoterapias regressivas que refutam e dissolver-se em uma filosofia aplicada, não necessariamente ajustada às necessidades das pessoas demandantes de auxílio clínico.

Cabe por isso sentenciar à obsolescência a influência de Jaspers para a psicopatologia do desenvolvimento adulto? Penso que não. Pelo contrário, penso que no próprio coração da PG estão dadas, como indiquei, as condições intelectuais – com seus instrumentos categoriais – para a retomada desta dialética interrompida, que permita, finalmente, que o mistério do adoecer humano, dado no entrelaçamento entre o indivíduo e seu adoecimento ao longo do tempo, possa ser revisado e amadurecido. Cabe às novas gerações concluir o trabalho do mestre de Heidelberg.

## Referências

- Hoff, P. (2015) The Kraepelinian tradition. In *Dialogues in Clinical Neuroscience*, 17:1, 31-41, DOI: 10.31887/DCNS.2015.17.1/phoff
- Jaspers, K. Eifersuchtswahn. *Z. f. d. g. Neur. u. Psych.* 1, 567–637 (1910). <https://doi.org/10.1007/BF02895947>
- Jaspers, K. (Ed.). (1953). *Strindberg et Van Gogh. Swedenborg-Hölderlin. Les Éditions de Minuit.*
- Jaspers, K. (1968), The Phenomenological Approach in Psychopathology, in *Brit. J. Psychiat.* (1968), 114, 1313-1323
- Jaspers, K. (1913/1997), *General psychopathology* (trans: Hoenig, J., Hamilton, M.W.). Baltimore: Johns Hopkins University Press.
- Lantéri-Laura, G. La notion de processus dans la pensée psychopathologique de K. Jaspers. In *Evolution psychiatrique*, 27, v.4, 1962, pp. 459-499.
- Messas, G. (2014). O sentido da fenomenologia na Psicopatologia Geral de Karl Jaspers.

*Psicopatologia Fenomenológica Contemporânea* 3(1), 23-47.

Messas G (2023). How and why psychiatry still needs Karl Jaspers: a dialectical account. *Rev. latinoam. psicopatol. fundam.* 26 e2303129 <http://dx.doi.org/10.1590/1415-4714.e230312>

Messas G, Stanghellini G, Fulford KWMB. Phenomenology yesterday, today, and tomorrow: a proposed phenomenological response to the double challenges of contemporary recovery-oriented person-centered mental health care. *Front Psychol.* 2023 Sep 21;14:1240095. doi: 10.3389/fpsyg.2023.1240095. PMID: 37809297; PMCID: PMC10551134.